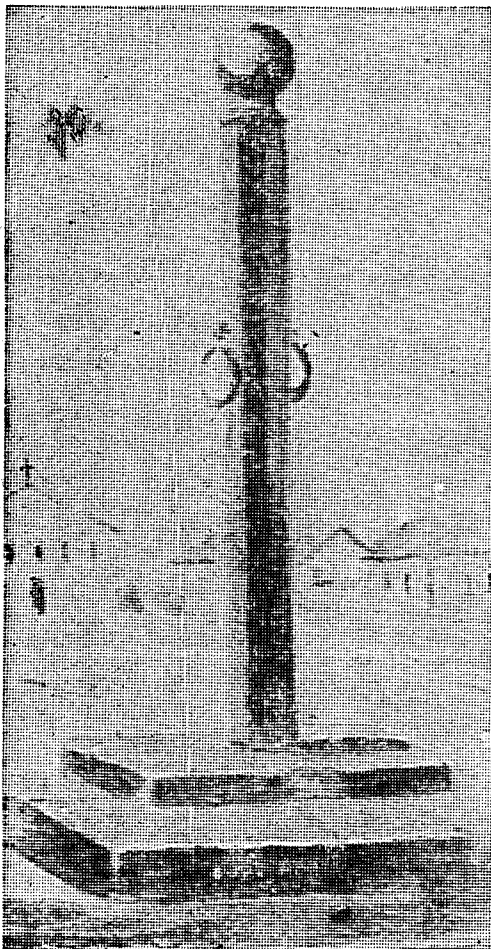


CMUHE016813

UM POUSO à beira da estrada. Correio Popular, Campinas,
14 jul. 1974.

UM POUSO

A BEIRA DA ESTRADA



Pelourinho erigido no Largo da Matriz (atual Praça Bento Quirino) a 14 de dezembro de 1797

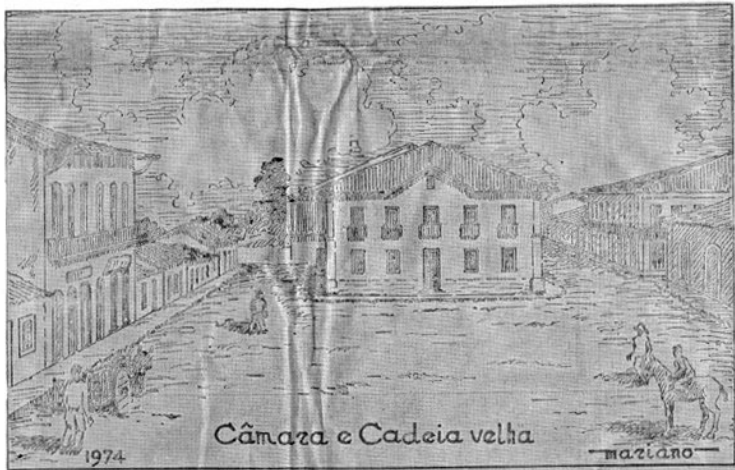
Nos mais antigos mapas e roteiros da Província de São Paulo já se encontrava assinalada a região das Campinas do Mato Grosso, situada a dez léguas de Jundiá, à margem do caminho dos Guaiás aberto em 1721 pelos bandeirantes, rumo aos sertões de Goiás.

Esta estrada primitiva, pelo seu trânsito contínuo de viajantes e tropeiros, trouxe como consequência o povoamento de várias regiões que servia como linha de comunicação.

Como pequeno sinal de vida, semente destinada a germinar e frutificar esplendorosamente na promissora gleba existia apenas um pouco ou rancho para descanso e alojamento daqueles que, em longas e penosas viagens, se aventuravam ao comércio e a procura do ouro, além das terras paulistas.

O pouso de Campinas, localizava-se na baixada da atual avenida dr. Moraes Sales, próximo ao Estádio do Guarani, onde existia uma aguada conhecida como «córrego do Lava-pés», local onde se formou o primeiro núcleo de moradias que deu início a formação urbana da cidade.

Obedecendo aos padrões da época, o pouso das Campinas do Mato Grosso era muito simples, construído de taipas e coberto de sapé, naturalmente dotado do indispensável abrigo para as cargas e montarias. Hércules Florence, o admirável viajante artista que nos legou precioso documentário iconográfico sobre usos e costumes brasileiros no passado, em desenho datado de 1826, nos mostra o pouso do Juquerí, muito rudimentar, de taipas, coberto de sapé e levantado próximo a um córrego. Mais adiante, as plantações de milho e cereais destinadas a alimentação dos viajantes.



Casa da Câmara e Cadeia a primeira sede da municipalidade campineira demolida no fim do século passado. Local hoje ocupado pelo monumento-túmulo de Carlos Gomes